

O GRITO DE LILITH: A FESTA DE POMBAGIRA DO SERTÃO NORTE-MINEIRO

Admilson Eustáquio Prates

Introdução

O presente trabalho procura apresentar a mística como marca da religiosidade Afro-Sertaneja, a partir da análise da festa de Pombagira que acontece no período da quaresma. Com isso, busca-se traçar o arquétipo feminino do povo de santo Afro-sertanejo expresso neste ritual. Para tanto, recorreremos à tradição oral como estrutura presente nesta religiosidade vivenciada na Roça Gongobiro Unguzo Muchicongo, localizada na cidade de Montes Claros/MG. Tal estrutura nos permitirá traçar alguns contornos que possibilitará visualizar a atmosfera mística Afro-Sertaneja.

1. “Quem é essa mulher?”

Frequentemente, escuta-se perguntas sobre Pombagira como: “Quem é ela?”; “O que é isso?”; “É um espírito do mal?”; “É o capeta?”; “É de Deus?”; “Pombagira é a mulher do diabo?”; “É uma prostituta?”; “Pombagira é um exu?”. Alguns questionamentos nem sempre significam perguntas, isto é, uma dúvida, uma inquietação que busca por um saber. O receio, o medo, e até mesmo o pavor ao pronunciar o nome Pombagira traz na própria entonação da pergunta a resposta. Isto é, estas perguntas necessariamente não implicam em buscar compreender, conhecer o que é Pombagira. Estes questionamentos podem expressar a recusa, o medo em saber. É possível perceber pela expressão facial o receio, o medo inicial de quem faz a pergunta.

O questionamento sobre a identidade de Pombagira não é fácil de responder. A resposta deve ser construída a partir da pergunta que tem como foco central a origem da dela. E, para traçar uma possível resposta, nossos olhares devem mirar a África Negra antes da chegada no Cristianismo. Depois concentrar atenção na África Negra em contato com o Cristianismo, e, em seguida, contemplar esta mistura via tráfico negreiro em direção ao Brasil. De acordo com Prandi,

Pombagira, cultuada nos candomblés e umbandas, é um desses personagens muito populares no Brasil. Sua origem está nos candomblés, em que seu culto se constituiu a partir de entrecruzamentos de tradições africanas e européias. Pombagira é considerada um Exu feminino. Exu, na tradição dos candomblés de origem predominantemente iorubá (ritos

Ketu, Efan, Nagô pernambucano) é o orixá mensageiro entre os homens e o mundo de todos os orixás. (Prandi, 1996, p. 140).

Não é uma resposta pronta, e sim, um trabalho árduo cheio de detalhes e nuances que não podem ser negligenciados. Além dessas dificuldades iniciais para conceber o que venha a ser a Pombagira, deparamos com o presente que expressa a Pombagira sendo uma prostituta, a mulher do diabo. Associa-se imediatamente ao mal cristão. Pois, é rico o imaginário brasileiro em torno desta entidade que é cultuada na religião Afro-Sertaneja, devido à presença dela no dia-a-dia do brasileiro como afirma Prandi: “Dona Pombagira, que tem um lugar muito especial nas religiões afro-brasileiras, pode também ser encontrada nos espaços não religiosos da cultura brasileira: nas novelas de televisão, no cinema, na música popular, nas conversas do dia-a-dia.” (Prandi, 1996, p. 149). Essa presença no cotidiano produz e reproduz fantasias e medos reforçando o preconceito e ligando-a a dimensão vulgar e pejorativa do ser humano, uma interpretação aparente, um olhar preso a superfície moralista, expressa em algumas religiões de matriz afro. Podemos também vislumbrar uma outra imagem de Pombagira a partir da música cantada pelo povo de santo da Roça Gongobiro Unguzo Muchicongo:

Quem é essa mulher que vem quebrando osso por osso?
Só pode ser a moça...
Só pode ser a moça...
Quem é essa mulher que vem quebrando osso por osso?
Só pode ser a moça...
Só pode ser a moça...
(...)

Ela é mulher bonita
Ela é mulher da rua
Ela é mulher bonita
Ela é mulher da rua
Ela é mulher bonita
Ela é mulher da rua
Ela é rainha Exu de seu tranca rua
Ela é rainha Exu de seu tranca rua
Ela é rainha Exu de seu tranca rua
(Roça Gongobiro Unguzo Mochicongo, Ritual de Quimbanda,
linha de Pombagira, Diário de Campo, Montes Claros/MG,
07/04/2012)

Os versos da segunda canção são óbvios e claros. Apresenta uma oração com sujeito e predicado definido. Onde o predicado qualifica o sujeito da oração. Esse é o

problema do verso: a clareza; o óbvio. Para não concentrar nossa análise no que é dito que pode gerar moralismo, e, por fim, preconceitos, faremos o movimento do não dito.

O primeiro verso apresenta a Pombagira como uma mulher bonita. O verso cantado produz imagens que nos inspira retrata-la como uma mulher que possui a qualidade de beleza. Uma mulher bonita não é simplesmente bonita. Esta especificidade associa-se a sedução, a atração e ao desejo.

O segundo verso identifica-a a rua. Rua nos lembra caminho, trânsito, fluxo. Oposto a casa, esta significa segurança, controle e, aquele, a insegurança, o inesperado, o movimento. O espaço, a rua, condiz com a liberdade. “Ela é mulher da rua”, isto pode nos sugerir que ela é livre. Que caminha, que escolhe, que procura, e, também pode ser procurada e escolhida. E nos faz pensar ainda que não é a mulher da casa, o repouso do guerreiro, da libido direcionada ao(s) filho(s), ao marido, enfim, as afazeres domésticos.

Quando ligamos os dois versos: “Ela é mulher bonita” e “Ela é mulher da rua” surgem novas imagens interpretativas. As paisagens mentais originaram-se das perguntas: o que uma mulher bonita e da rua nos faz pensar?; o que uma mulher bonita e da rua significa? Estas perguntas são mal formuladas, são perguntas racionais, que desejam controlar, manipular. As respostas dessas perguntas mascaram o que possivelmente pode vir a ser a Pombagira. Caso a resposta apareça, será uma resposta racional que vai estar enquadrada em um raciocínio lógico que preza pela coerência, que obedece os princípios da lógica formal aristotélica: princípio da identidade, por exemplo. Talvez, as perguntas pudessem ser formuladas de outra maneira, por exemplo: o que uma mulher bonita e da rua nos faz sentir?; o que uma mulher bonita e da rua nos inspira?; quais inquietações a mulher bonita e da rua nos faz sentir?; quais as emoções e os sentimentos que a mulher bonita e da rua nos incita? Talvez o desejo fosse uma possível resposta sobre quem é a Pombagira.

“Levanta a sai”

Levanta a saia
Sacode a poeira
Lá vem pombagira
Descendo a ladeira
(...)
Ô lua ... ô lua...
Eu peguei pombagira na rua.
Ô lua ... ô lua...
Eu peguei pombagira na rua.
Ô lua ... ô lua...

Eu peguei pombagira na rua.
Ô lua ... ô lua...
Eu peguei pombagira na rua.
(Roça Gongobiro Ungunzo Mochicongo, Ritual de Quimbanda,
linha de Pombagira, Diário de Campo, Montes Claros/MG,
07/04/2012)

Como interpretar as duas canções? O que nos incitam as canções? Para onde as canções nos conduzem? Que mundos oníricos são construídos com as letras, com as melodias e com os sons retirados dos tambores? Qual a relação das duas canções com a mística nos ritual de Pombagira? Qual a concepção arquetípica de mulher pode ser traçada a partir das duas musicas e das outras que serão apresentadas logo abaixo no decorrer do texto?

Elas não são simplesmente músicas cantadas. Elas constroem um cenário mítico-poético-dançante: a festa de Pombagira. A festa gira em torno do cantar, do dançar, do sorrir, do gritar. Além disso, vivencia-se os prazeres do comer, do beber; um banquete entre mulheres e homens do dia a dia com personagens míticos personificados nas feições dos filhos ou filhas de santo da Quimbanda-Sertaneja. O corpo ocupa o espaço central desta hierofania. É pelo corpo, com o corpo, no corpo que materializa toda a vivencia da mística Afro-sertaneja no ritual que festeja Pombagira. Os adeptos, os admirados e as Pombagiras comem, bebem e cantam juntos, ou seja, festejam em comunhão os mundos oníricos.

Voltemos sobre o que a primeira canção nos incita. O primeiro verso dela diz: “Levanta a saia”. O ato de levantar a saia pode ser um gesto de loucura; pode representar também uma mulher ousada, sem pudor ou sem respeito. Por outro lado, a ação do verbo levantar implica em retirar, erguer, subir, acordar, despertar. Ele, o verbo, pode está associado também ao sentido de sair da cama; sair do lugar oculto. Deixar revelar. O ato é simplesmente de levantar a saia, e não de tira-la.

E a palavra saia? Que imagens nos vêm à mente quando a pronunciamos? Sozinha, nós integramos, imediatamente, a conjugação do verbo sair. Por outro lado, o vocábulo saia está em um contexto, pertence a uma frase em que onde o verbo é substantivado pelo artigo a.

Temos então, o objeto, a saia. Que imagens ligada ao objeto saia vem em nossa mente? Pode ser inicialmente uma roupa feminina, uma mulher. Além disso, estimular as imagens de movimento, de sedução, de proteção. Proteção, uma imagem forte que tanto

pode ser de segurança quanto de castração, de censura. Protege-se aquilo que não pode ser desejado, cobijado. E o objeto, a saia, protege, oculta, guarda a vergonha, a vagina. Entendida também como a caverna dos prazeres, o espaço onde os desejos se perdem e se realizam. A frase “Levantar a saia” pode ser erguer, revelar, deixar soltos os desejos. Levanta a saia pode remeter à dançar. A sensualidade da dança e da mulher. O gesto insinua a possibilidade de acesso ao proibido, ao sensual e sexual. Nas danças o gesto de Levantar a saia seduz.

O segundo verso ento a frase, “Sacode a poeira”. Isto quer dizer limpar, retirar a sujeira. Pois, poeira são partículas pequenas de variedades e origens inúmeras que se depositam na superfície. Estas partículas obstruem o olhar, ocultando o que está abaixo ou depois da poeira. Então sacudir a poeira pode ser entrar no que estava oculto.

Os últimos versos da música são: “Lá vem Pombagira / Descendo a ladeira”. A última oração do verso tem o verbo descer que nos induz a pensar em movimento, sair de um lugar para outro. Descer é, não somente, sair de um lugar para outro, mas de um lugar superior para um inferior, mover-se de cima para baixo.

Essa ação de descer a ladeira representa talvez à descida aos porões do inconsciente. Mover-se para o nível sem luz, oculto, sombrio do ser humano. A saída da consciência para o inconsciente. É caminhar para baixo, para o nível inferior, e para isso, é necessário sacudir a poeira, ou seja, suspender o superego, reduzir a consciência do princípio de realidade.

A outra canção apresenta elemento onírico, místico tipicamente feminino: a lua. Ela está associado a dimensão da fecundidade da mulheres. Representa os ciclos vitais, o movimento das águas e das estações do ano. Na psicanálise o inconsciente. Além disso, vincular-se a intuição, aos sonhos, a magia.

A lua também é a residência de Lilith que moraria na fase oculta, comparada a lua negra. Ela seria um demônio feminino noturno de acordo com a tradição hebraica que diz que ela seria a primeira mulher de Adão.

O mito de Lilith pertence à grande tradição dos testemunhos orais que estão reunidos nos textos da sabedoria rabínica definida na versão jeovística, que se colocada lado a lado, precedendo-a de alguns séculos, da versão bíblica dos sacerdotes (...) a lenda de Lilith, primeira companheira de Adão, foi perdida ou removida durante a época de transposição da versão jeovística para aquela sacerdotal, que logo após sofre as modificações dos pais da Igreja. (SICUTERI, 1998, p. 23)

Por não submeter à autoridade de Adão, aos mandos dele, ela foi expulsa do paraíso. Ou seja, ela não mora na lua por opção, uma escolha, mas por punição. Seria um viver exilado. A perversidade de Lilith, o pecado é a transgressão, não se submeter a Adão. Pois ela sabe que tanto Adão quanto ela são iguais, ambos foram feitos da terra, vieram da terra de acordo com a narrativa mítica. Escreve Rodrigues,

Lilith, como primeira companheira de Adão, feita do mesmo material que ele, cheia de sangue e saliva, possui sensualidade e força demoníacas, que perturbam Adão; mas também é aquela que lhe apresenta o prazer orgástico. O relacionamento é perturbado pela imposição do homem em permanecer por cima da mulher, ao que ela não aceita e por isto dele se afasta. (RODRIGUES, S/D,S/P)

Ela representa a mulher senhora de si mesma, autônoma, sensualidade. Conhece os seus poderes e sua força. Ela sabe quem ela é.

Assim perguntava a Adão: “- Por que devo deitar-me embaixo de ti? Por que abrir-me sob teu corpo?” Talvez aqui houvesse uma resposta feita de silêncio ou perplexidade por parte do companheiro. Mas Lilith insiste: “- Por que ser dominada por você? Contudo eu também fui feita do pó e por isto sou tua igual”. Ela pede para inverter as posições sexuais para estabelecer uma paridade, uma harmonia que deve significar a igualdade entre os dois corpos e as duas almas. Malgrado este pedido, ainda úmido de calor súplice, Adão responde com uma recusa seca: Lilith é submetida a ele, ela deve estar simbolicamente sob ele, suportar seu corpo. Portanto: existe um imperativo, uma ordem que não é lícito transgredir. A mulher não aceita esta imposição e se rebela contra Adão. É a ruptura do equilíbrio. Qual é a ordem e a regra do equilíbrio? Está escrito: “o homem é obrigado à reprodução, não a mulher”. (SICUTERI, 1998, p. 35)

Assim, o mal de Lilith é não obedecer ao homem, não ser submissa a Adão, não aceitar o controle do macho. Ela representa o desejo sexual, a volúpia. Lilith é a força sexual. Dessa maneira, Pombagira e Lilith concebem uma mesma ideia arquetípica de mulher: livre, sensual, na qual o grande mal é não permitir ser dominada pelo homem.

A festa: o grito de lilith

Mediante os elementos simbólicos podemos pensar alegoricamente o modelo feminino de Pombagira atrelado ao de Lilith. Dessa maneira, a festa de Pombagira seria o grito de Lilith.

Isto é, a festa de Pombagira é repleta de risos, gargalhada e de gritos. Não é um grito qualquer. É um som que nos faz sentir a liberdade pulsar e correr por toda a pele, conforme afirmam os participantes da festa.

A festa de Pombagira é transitar pela fase oculta da lua. Permitir o inconsciente manifestar. É uma festa dos desejos de vida e de morte. Ou seja, fazer o grande mergulho no mar Vermelho. Como havia dito, ela levanta a saia, libera os desejos, mas não retira a saia. A qualquer instante a saia desce, volta ao seu lugar. Isto é, a festa implica no movimento de ida e de vinda constante, da fase oculta a fase iluminada da lua e vice-versa. Enfim, a festa pode ser um trânsito entre princípio de realidade e o princípio de prazer.

Este rito festivo, que transita entre os extremos, pode traçar imagens sobre a mística Afro-Sertaneja entorno da personagem sobrenatural, Pombagira, que seria pensar a mística ligada a força da sexualidade, as forças telúricas, a liberação do inconsciente. Uma mística na qual o corpo seria o elemento primordial para vivenciar o mistério do desconhecido que promove o êxtase.

Considerações finais

Podemos entender que estudar a festa de Pombagira é ir ao encontro de uma outra fase arquetípica feminina, na qual o desejo não é para ser reprimido, mas condição de feminilidade. Isto é, vislumbrar a mulher enquanto ser que deseja e que possui uma grande força, a sensualidade. A força sexual.

Bibliografia

BACHELARD, Gaston. *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

BASTIDE, Roger. *Os problemas da vida mística*. Lisboa: Europa-América, 1959.

BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

BORGES, Cristina. *Umbanda Sertaneja: cultura e religiosidade no sertão norte-mineiro*. Montes Claros/MG: Unimontes, 2011.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MENESES, Adélia Bezerra. *Figuras do feminino na canção de Chico Buarque*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2001.

MENEZES, Adélia Bezerra. *Do poder da palavra: ensaios de literatura e psicanálise*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

MENESES, Adélia Bezerra. *As portas do sonho*. São Paulo: Ateliê editorial, 2002.

PASSOS, Mara Martins. *Exu pede passagem: uma análise da divindade africana à luz da psicologia de Carl Jung*. São Paulo: Terceira Margem, 2003.

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessadas do Brasil. In: Idem, *Herdeiras do axé*. Sociologia das religiões afro brasileiras. São Paulo: Hucitec, 1996. p.139-164.

PRANDI, Reginaldo. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. *Revista USP*, nº 46, São Paulo, 2000, p. 52-65.

PRANDI, Reginaldo. Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do Orixá Exu. *Revista USP*, nº 50, São Paulo, 2001 (a), p.46-65.

PRATES, Admilson Eustáquio Prates. *Exu, a esfera metamórfica*. Montes Claros: Unimontes, 2010.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima. *Lilith e o arquétipo do feminino contemporâneo*. Disponível em: <www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/EST>. Acesso em: 15/10/2011.

SICUTERI, Roberto. *Lilith: A Lua Negra*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TRINDADE, Liana; COELHO, Lúcia. *Exu: o homem e o mito*. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

TRINDADE, Liana S. *Exu: símbolo e função*. São Paulo: FFLCH/USP, 1985.